

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

Vivien Mariane Massaneiro Kaniak

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

vivikaniak@gmail.com

Elizandra Severgnini

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

elisevergnini@gmail.com

Luis Fillipe Serpe

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

luisfserpe@gmail.com

RESUMO

O empreendedorismo é fundamental para mover a economia dos países, de modo que, os países em desenvolvimento deveriam ter como meta prioritária a geração de novos empreendedores. Entretanto observa-se que isso está longe de ser uma realidade tanto na prática da educação empreendedora desses países quanto na literatura internacional que carece de estudos específicos sobre o tema. O objetivo deste trabalho foi o de estreitar essa lacuna reunindo casos de programas de educação empreendedora criados em universidades de países em desenvolvimento e oferecer um framework de educação empreendedora conduzida por meio de uma metasíntese e uso de *grounded theory*. Os resultados apontam que há pouco uso de abordagens pedagógicas baseadas na prática sendo que os programas existentes permanecem baseados em abordagens teóricas em ambiente tradicional de sala de aula. Sugere-se que os cursos de empreendedorismo sejam incorporados aos currículos das universidades em dois módulos. Um contendo noções básicas e ofertadas a todos os discentes e outro com noções mais avançadas voltadas aos alunos que desejam se aprofundar no tema e empreender.

Palavras-chave: Educação empreendedora. Países em desenvolvimento. Educação empreendedora na universidade.

Data do aceite de publicação: 01/12/2019

Data da publicação: 15/12/2019

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

**ENTREPRENEURSHIP EDUCATION IN UNIVERSITIES IN
DEVELOPING COUNTRIES: A FRAMEWORK PROPOSAL
DERIVED FROM META-SYNTHESIS AND GROUNDED THEORY**

Vivien Mariane Massaneiro Kaniak
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
vivikaniak@gmail.com

Elizandra Severgnini
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
elisevergnini@gmail.com

Luis Fillipe Serpe
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
luisfserpe@gmail.com

ABSTRACT

Entrepreneurship education at universities aims to create value by encouraging new business creation for the development of strategies that lead to the development of new products and services in an organization and the application of innovative ideas in the work environment. In addition, entrepreneurship is a key to foster countries' economies so that underdeveloped countries should have as priority goal the generation of new entrepreneurs. However, this is far from reality both in educational entrepreneurship and in the international literature that shows a lack of studies in the subject in developing countries. The aim of this study was to diminish this gap by gathering examples of educational entrepreneurial programs in developing countries and provide a framework of entrepreneurial learning which was conducted by meta-synthesis the use of grounded theory based using in the most recent literature. The results indicate that there is little use of experiential pedagogical approaches and the programs are fundamentally based on theoretical approaches in the classroom.

Keywords: Entrepreneurial education. Developing countries. Entrepreneurial education at universities.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

INTRODUÇÃO

As universidades vêm cada vez mais assumindo o papel de instituições de suporte ao empreendedorismo expandindo suas missões tradicionais de ensino e pesquisa e dando suporte a novos negócios que surgem dentro da própria universidade e de sua interação com as empresas e o mercado. Assim várias instituições de ensino superior estão oferecendo programas de educação empreendedora e investindo no melhoramento de suas estruturas de apoio e colaboração com as indústrias (POTTER, 2010).

A educação empreendedora é crucial para desenvolver jovens empreendedores e criar programas que gerem valor à sociedade uma vez que não somente encorajam os estudantes a iniciar negócios mas também os auxiliam no desenvolvimento da criatividade, proatividade e inovabilidade (ALDIANTO; ANGGADWITA; UMBARA, 2018; KUMMITHA; MAJUMDAR, 2015). Por esta razão a inovação e o empreendedorismo têm sido vistos como a força que move o crescimento da economia dos países (AHMAD; BUCHANAN, 2015; NYADU-ADDO; MENSAH, 2018; SIEGEL; WRIGHT, 2015).

Portanto os países em desenvolvimento deveriam ser os maiores interessados em desenvolver iniciativas de fomento ao empreendedorismo e a educação empreendedora devido aos seus altos níveis de desemprego, elevadas taxas de pobreza e desigualdade social. Até mesmo entre os jovens universitários observa-se cada vez mais a pouca oferta de empregos formais (AHMAD; BUCHANAN, 2015; GUTIÉRREZ; BAQUERO, 2016; NYADU-ADDO; MENSAH, 2018) de modo que o desemprego tem se apresentado como uma das maiores crises nacionais especialmente nos países de economia em transição (FULGENCE, 2015; HASAN; KHAN; NABI, 2017).

Entretanto observa-se na literatura internacional que pouca atenção é dada às iniciativas de educação empreendedora de países em desenvolvimento (ABOU- WARDA, 2016; ALAKALEEK, 2019). Isto é preocupante uma vez que, as particularidades desses países diferem muito da de países desenvolvidos sob o qual estão apoiadas a grande maioria das pesquisas sobre o tema e modelos de atuação. Os países em desenvolvimento, diferentemente dos países desenvolvidos normalmente possuem poucas fontes de financiamento ao empreendedorismo disponíveis, políticas públicas

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

inadequadas e muitas vezes até mesmo a inexistência de uma agenda de criação de valor à educação empreendedora. Além disso as condições para empreender nos países foco deste estudo diferem completamente das condições de países desenvolvidos como EUA, Inglaterra, Alemanha, Finlândia (que apresentam a maior parte dos estudos empíricos publicados) em termos de segurança, oportunidades de mercado e infraestrutura (GARCIA-RODRIGUEZ et al., 2017; POTTER, 2010).

Desta forma o objetivo deste estudo foi o de reunir casos de iniciativas de educação empreendedora em países em desenvolvimento e apresentar seus modelos, características, erros e acertos a fim de despertar o interesse de outros pesquisadores sobre o tema dentro do contexto dos países com economias em transição. Além disso a sintetização dos estudos de casos reunidos permitiu a geração de um framework de educação empreendedora específico para países em desenvolvimento que foi conduzida por meio de uma metasíntese da literatura mais atual no tema e com um direcionamento da grounded theory.

Baseando-se, portanto, em uma análise indutiva qualitativa de onze estudos de casos será apresentado um framework sugerindo as práticas mais efetivas em educação empreendedora utilizadas por universidades de diversos países em desenvolvimento ao redor do mundo. Espera-se que este trabalho possa trazer contribuições teóricas ao preencher uma lacuna no que diz respeito a escassez de estudos sobre países em desenvolvimento e lançar reflexões sobre as práticas mais citadas na literatura. Além disso esse trabalho também traz contribuições práticas para gestores de universidades e profissionais envolvidos na elaboração de políticas públicas no que tange o direcionamento de ações voltadas a educação empreendedora.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro será apresentada uma revisão da literatura sobre o tema, a seguir serão descritos os aspectos metodológicos que orientaram esse estudo, na sequência será apresentado um resumo de cada um dos casos analisados e os resultados oriundos da análise cruzada dos casos. Em seguida será descrito o framework resultante da análise dos dados e finalmente serão apresentadas as considerações finais bem como as limitações e sugestões para futuros estudos.

REVISÃO DE LITERATURA

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

A educação empreendedora compreende a provisão sistemática de programas de empreendedorismo por organizações educacionais e por sua natureza está associada a políticas educacionais e diretrizes que visam oferecer cursos de empreendedorismo em diferentes níveis educacionais e participantes-alvo (KAKOURIS; GEORGIADIS, 2016). No que tange os programas de educação empreendedora oferecidos por universidades encontra-se programas de ensino que visam desenvolver nos alunos as competências que lhes permitam se tornar empreendedores (ABOU- WARD, 2016). Várias universidades oferecem em programas de educação empreendedora em seus currículos com atividades que vão desde o desenvolvimento de planos de negócios, aprendizagem por estudos de casos e ou práticas de empreendedorismo (FERREIRA; FREITAS, 2017).

Entretanto a definição do termo educação empreendedora ainda permanece um desafio. Alguns autores se referem tanto à educação empreendedora quanto à educação empresarial e frequentemente os termos tendem a ser usados de forma intercambiável. De toda forma existe um entendimento geral de que o termo se refere ao desenvolvimento de habilidades gerais criativas e empreendedoras para melhorar a empregabilidade dos alunos ou começar um negócio próprio (HENRY; LEWIS, 2018; LAURIKAINEN et al., 2018). Ainda que, no futuro, o estudante não siga carreira empreendedora, muitos autores defendem que a educação empreendedora desenvolve competências importantes, como: senso de auto eficácia, comunicação, habilidades de negociação e persuasão e planejamento de negócios (KUMMITHA; MAJUMDAR, 2015; NISTOREANU; GHEORGHE, 2014; ULVENBLAD; BERGGREN; WINBORG, 2013).

Para Fayolle (2007) a educação empreendedora une os objetivos de um processo de formação pedagógico com os pressupostos de criação e mobilização para a formação de um negócio. Para Jones e English (2004) a educação empreendedora enfatiza a imaginação, a criatividade e a tomada de riscos provendo o aluno com a habilidade de reconhecer oportunidades de negócio. Já para Bécharde & Grégoire (2005) a educação empreendedora consiste em um modo de ensino formal que informa, treina e educa qualquer pessoa interessada em criação de negócios.

O interesse na implantação do ensino em empreendedorismo nas universidades pode ser evidenciado pelo número crescente de módulos de empreendedorismo na educação superior nas últimas décadas bem como no crescente número de publicações

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

sobre o tema (KAKOURIS; GEORGIADIS, 2016). Entretanto em relação ao conteúdo a ser ensinado não existe uma diretriz única mas sim variados enfoques.

Kourilsky (1995) foi um dos pioneiros ao propor que o currículo empreendedor fosse estruturado em três fatores: reconhecimento de oportunidades de negócios, comprometimento com recursos e criação e organização de um negócio. Entretanto autores mais recentes postulam que a educação para o empreendedorismo deve ser vista de forma mais abrangente incluindo conhecimentos em economia, política, sociedade, e competências como proatividade e tomada de riscos (Jones & English, 2004) passando até mesmo por competências relacionadas a cidadania (Laurikainen et al., 2018).

De acordo com a OCDE (2019), a educação empreendedora está especialmente associada aos pequenos negócios, pois estes são grandes empregadores e absorvedores de mão-de-obra especializada, bem como geradores de inovações. Portanto, estão diretamente ligados ao desenvolvimento de vantagens micro e macroeconômicas, seja em nações desenvolvidas ou em desenvolvimento. Entretanto a importância da educação empreendedora não se limita, somente à pequenos ou novos negócios, mas se estende também aos gestores de negócios instituídos e de maior porte (FAYOLLE, 2007). De todo modo a complexidade dos contextos em que cada universidade está inserida bem como a cultura local irão culminar em diferentes perspectivas e enfoques a serem empregados (AHMAD; BUCHANAN, 2015; KOLADE, 2018). Outro fator de importância está no ambiente e seu entorno que pode ou incentivar ou limitar a implantação de atividades empreendedoras (FAYOLLE, 2013). Assim pode-se depreender que uma implantação bem-sucedida de ações de educação empreendedora depende de fatores políticos, culturais, econômicos e institucionais e estes elementos podem por consequência encorajar ou não o desenvolvimento da educação empreendedora.

West et al. (2009) destacam algumas características que definem um ambiente acadêmico voltado à educação empreendedora como, por exemplo, a inovação no modelo de aula; ênfase em solução de problemas e criatividade em todas as disciplinas acadêmicas; inovação na pesquisa e transferência de capital intelectual em ideias e produtos que possam ser comercializados e aplicados em outros cenários; gestão de carreiras em uma abordagem empreendedora; encorajamento de estudantes, universidades e empreendedores em trabalhar, agir e pensar de maneira diferente. Neste sentido, a educação empreendedora se converte em uma estratégia para a criação do

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

ambiente de inovação. E, segundo os trabalhos clássicos de Schumpeter (1957), esta inovação cria valor a partir da melhoria do posicionamento estratégico e competitivo de uma organização frente a um cenário de concorrência. Conforme os pressupostos do citado autor essa inovação se torna o diferencial que permite a criação de renda e a sustentação dos negócios a médio e longo prazo. Como processo sustentado, é necessário que, acima de tudo haja uma cultura interna, ou uma disposição dos agentes criadores e aplicadores das ideias neste sentido. Esse processo é denominado por West et. al. (2009) como a “institucionalização do empreendedorismo” que por sua vez, causa a mudança na cultura da universidade, a superação das fronteiras disciplinares, o aumento dos recursos existentes e a resposta aos interesses mutáveis dos estudantes.

Quando se discute a sustentação de um processo de inovação a médio e longo prazo a educação empreendedora se transforma em um elemento de criação de cultura empreendedora ainda no ambiente acadêmico, principalmente pelo fato de que é neste ambiente que se formam os gestores e as pessoas que criarão novos negócios ou administrarão negócios já existentes (VALERIO; PARTON; ROBB, 2014; VOLKMANN; AUDRETSCH, 2017). Nesse contexto, a instituição de ensino superior é um local privilegiado para o desenvolvimento e aprimoramento das características empreendedoras, pois o ambiente universitário em si é capaz de proporcionar o aprendizado por meio da interação social e o aprendizado experimental. Um exemplo deste tipo de ação são as empresas juniores (empresa-escola universitária formadas por estudantes de graduação a fim de aliar à teoria à prática) (FERREIRA; FREITAS, 2017) e as incubadoras universitárias (local em que as novas empresas criadas dentro da universidade são incubadas e recebem apoio para seu desenvolvimento) (ENGELMAN; FRACASSO, 2013).

Em consonância com a importância do papel das universidades para o desenvolvimento de novos empreendedores várias universidades pertencentes a países em desenvolvimento ao redor do mundo passaram a formular e oferecer programas de educação empreendedora, sendo que muitas adotaram tais programas como parte de seu currículo (ALDIANTO; ANGGADWITA; UMBARA, 2018). Este processo se intensificou especialmente na última década quando as oportunidades de emprego se tornaram escassas até mesmo para estudantes em nível de graduação, uma vez que, as organizações públicas e privadas não conseguem absorver todos os graduados que saem

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

das universidades gerando desequilíbrios sociais e econômicos nestes países (HASAN; KHAN; NABI, 2017).

Tal cenário levou universidades e governos a se unirem procurando soluções para que os jovens adquirissem competências para se tornarem empreendedores e até mesmo futuros empregadores ao invés de incentivá-los a se enxergarem somente como empregados de outras organizações como era realizado no ensino tradicional (ALAKALEEK, 2019; FULGENCE, 2015; VOLKMANN; AUDRETSCH, 2017). Com isso, acentuou-se a importância do ensino do empreendedorismo, ao mesmo tempo em que as políticas públicas educacionais passaram a ser direcionadas para que houvessem mudanças nas instituições de ensino, especialmente as de ensino superior, que concentram os jovens adultos que estão prestes a entrar no mercado. Entretanto poucos estudos no tema são encontrados e os existentes estão longe de apresentar um consenso em relação aos melhores métodos ou modelos a serem seguidos que respeitem as características culturais, sociais e econômicas dos países em desenvolvimento (ALAKALEEK, 2019; GUTIÉRREZ; BAQUERO, 2016).

METODOLOGIA

O procedimento para este estudo consistiu em utilizar as estratégias metodológicas de metasíntese e consequentemente de grounded theory de forma a identificar as categorias conceituais e abstratas que emergiam dos estudos de caso selecionados e construir relações categóricas de forma cumulativa através da análise cruzada dos casos (cross case analysis). A partir disso foram agrupadas as categorias similares analisando suas relações e padrões e os construtos emergentes foram comparados à literatura existente (STALL-MEADOWS; HYLE, 2010).

A grounded theory de acordo com Charmaz (2005) funciona como uma guia de análise flexível que permite ao pesquisador um enfoque profundo na coleta de dados ao mesmo tempo que constrói teoria por meio de níveis sucessivos de análise dos dados e desenvolvimento conceitual. Diferentemente da lógica dos métodos hipotético-dedutivos a teoria emerge dos dados e é a estratégia metodológica adequada para situações em que as teorias existentes não abordam o fenômeno estudado ou não estão suficientemente desenvolvidas (BANDEIRA-DE-MELO; CUNHA, 2006; MERRIAM, 2009). Na grounded theory as comparações teóricas são feitas no início do processo de pesquisa ou quando algo novo surge nos dados. Além disso outra característica

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

importante do método é a circularidade existente entre as fases de coleta e de análise dos dados que são feitas alternadamente (STRAUSS; CORBIN, 1994). Assim é possível realizar alternâncias entre o nível conceitual abstrato e o nível objetivo dos dados de forma que tanto a coleta dos dados, à análise, a formulação quanto a validação da teoria sejam concatenadas por meio de um processo indutivo de interpretação e um processo de dedução e validação das proposições (BANDEIRA-DE-MELO; CUNHA, 2006).

Para metasíntese foi utilizada a estratégia metodológica proposta por Hoon (2013) que consiste em oito passos para sintetização de estudos de caso e construção de teoria. De acordo com a autora a metasíntese é uma escolha metodológica de utilização prática em estudos organizacionais uma vez que permite congregiar várias descobertas de estudos de caso de um fenômeno produzindo conhecimento de forma acumulativa e avançando no campo de estudo em questão.

O primeiro passo foi identificar a questão de pesquisa: “Quais são as características de um programa de educação empreendedora adequado para universidades de países em desenvolvimento?” O segundo passo seguido a partir das orientações de Hoon (2013) foi o de localizar na literatura pesquisas envolvendo estudos de caso de programas de educação empreendedora realizados em universidades de países considerados em desenvolvimento de acordo com os critérios do Banco Mundial (World Bank, 2019). Foram feitas pesquisas nas bases de dados internacionais Web of Science e Scopus no mês de fevereiro de 2019 a partir das palavras-chave “entrepreneur* educat*” OR “educat* entrepreneur*” AND “universit*” que estivesse contidas no título, resumo e palavras-chave das publicações. As publicações foram restringidas para os últimos 5 anos a fim de trabalhar com a literatura mais atualizada. Também foi restringida para artigos publicados em periódicos nas áreas de gestão e educação a fim de se obter os estudos mais relevantes e aderentes à proposta desta pesquisa.

Foram encontrados 187 artigos na base Web of sciences e 252 na base Scopus. Os artigos da Scopus que já haviam figurado na Web of sciences foram eliminados (n=102). Como terceiro passo os resumos de todos os artigos foram lidos e selecionados aqueles que se encaixavam nos critérios de inclusão para esta pesquisa: casos de estudo sobre cursos de educação empreendedora realizados em universidades de países em desenvolvimento ou propostas de modelos teóricos. Assim restaram 11 casos alinhados ao objetivo da pesquisa sendo que 9 referem-se a estudos de caso empíricos e 2 são

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

estudos de caso que apresentam modelos teóricos de cursos conforme pode ser observado no quadro 1.

QUADRO 1 – Casos selecionados

Tipo	Autor	Ano	País
Empírico	Ahmad & Buchanan	2015	Malásia
	Alakaleek	2019	Jordânia
	Aldianto; Anggadwita & Umbara	2018	Indonésia
	Fulgence	2015	Tanzânia
	Garcia-Rodriguez; Gil-Soto; Ruiz-Rosa & Sene	2017	Senegal
	Kolade	2018;	Nigéria
	Krakauer; Serra & Almeida	2017	Brasil
	Kummitha & Majumdar	2015	Índia
	Nyadu-Addo & Mensah	2018	Gana
Teórico	Abou- Warda	2016	Egito
	Gutiérrez & Baquero	2016	Colômbia

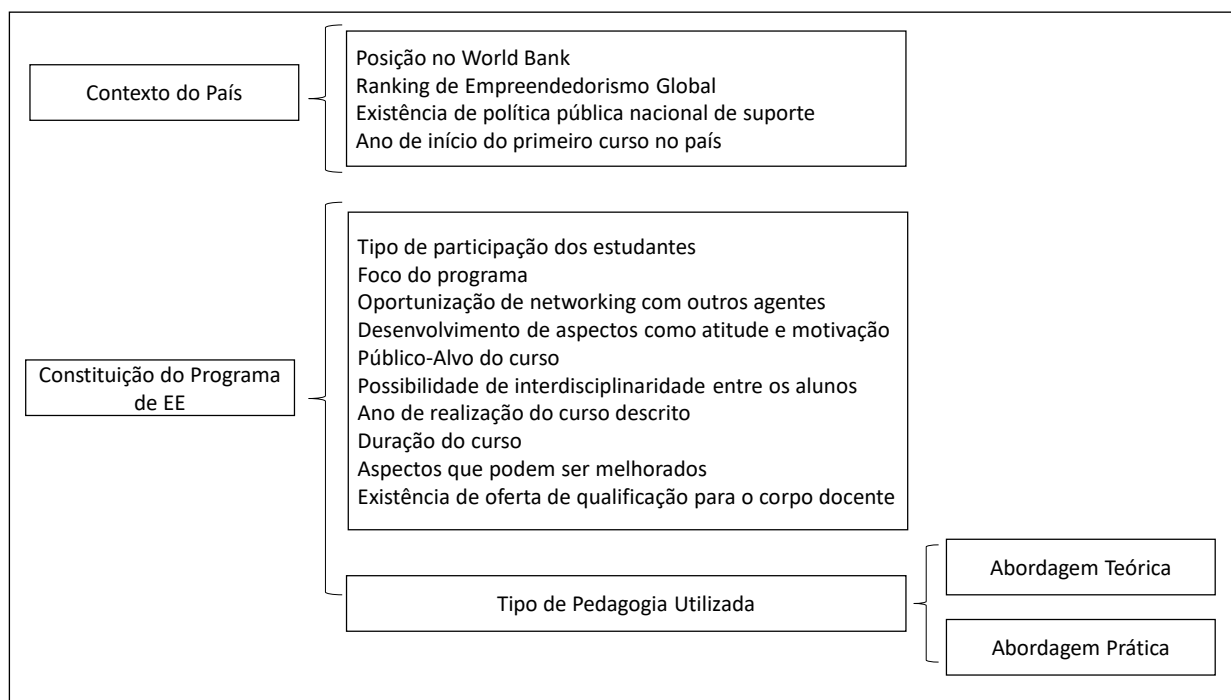
Fonte: os autores (2019)

O quarto passo consistiu na leitura integral dos textos e na extração e codificação dos dados. Além disso, buscaram-se outros dados sobre os países como posição social econômica do país (World Bank, 2019) e a posição no ranking de empreendedorismo de acordo com o Global Entrepreneurship Index (GEI, 2018). No quinto passo cada artigo foi lido e foram extraídas informações detalhadas em relação ao enfoque dos cursos de empreendedorismo universitário, público-alvo, duração, ano de realização, descrição do tipo de pedagogia utilizada (prática ou teórica) erros e acertos, sugestões de melhorias propostas pelos autores e contribuições para o campo.

Após analisados os casos em suas especificidades foi possível iniciar o sexto passo e realizar uma análise cruzada entre eles a fim de comparar semelhanças e diferenças e levantar padrões e características dos modelos de EE apresentados. A codificação consistiu em unir as categorias emergentes a outras categorias em um conjunto de condições, estratégias de interação e consequências (STRAUSS; CORBIN, 1994). Após a análise das estruturas, processos e estratégias utilizadas pelos 11 países foi possível identificar 15 elementos relacionados aos cursos além de identificar traços específicos que representam atributos que emergem de cada caso em particular. Esses elementos foram reunidos em 3 grandes categorias: contexto do país, constituição do programa de educação empreendedora e tipo de pedagogia utilizada conforme pode ser observado na figura 1.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

FIGURA 1- CATEGORIAS DE ANÁLISE



Fonte: os autores (2019)

No sétimo passo foi realizada a construção da teoria que envolveu a elaboração de um framework de educação empreendedora voltado para países em desenvolvimento. A análise dos dados contendo a descrição e o contexto de cada país será apresentado no tópico a seguir.

ANÁLISE DOS DADOS

Descrição dos Casos

Ahmad & Buchanan (2015) apresentam o caso da Malásia no sudeste asiático, que ocupa o 58º lugar no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018) e vem passando por diversos desafios econômicos entre eles uma recessão que afetou o

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

crescimento de seu setor industrial. Por esta razão o desenvolvimento do empreendedorismo tem sido visto como uma forma de garantir um futuro próspero e sustentável para o país. O próprio governo determinou que os cursos de empreendedorismo se tornassem obrigatórios nas universidades públicas e designou mais fundos com esse objetivo. A ideia foi encorajar os jovens a abrirem seus próprios negócios pois a economia malaia não tem condições de absorver a força de trabalho no formato de empregos formais assalariados. Desta forma as universidades começaram a oferecer programas de educação empreendedora ainda na década de 90 de forma compulsória, porém os autores destacam que atualmente o número de graduados que escolhem se tornar empreendedores é baixo. Os resultados demonstram que os métodos de ensino são prioritariamente de natureza teórica enfatizando pouco o lado prático do empreendedorismo de modo que métodos interativos como estudos de caso, simulações de negócios, palestras de convidados e de representantes de agências governamentais são pouco explorados. Além disso os cursos oferecem apenas uma visão básica de como empreender e pouquíssimas universidades oferecem especialização em empreendedorismo no país.

Ainda no sudeste asiático encontrou-se o caso da Jordânia descrito pelo pesquisador Alakaleek (2019) que estudou 29 universidades a fim de examinar a educação empreendedora. O país ocupa a 49ª posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018), sendo que passou por uma reforma recente no ensino superior que, de acordo com o autor, embora tenha obtido bons resultados, ainda apresenta uma lacuna entre as políticas formais existentes e a implementação das mesmas na prática. Por exemplo apenas 8 das universidades possuem um centro de inovação e empreendedorismo formalmente constituído, sendo que o primeiro deles foi estabelecido no ano de 2004. Porém os resultados demonstram que a influência desses centros na educação empreendedora é muito tímida, da mesma forma não foram encontrados departamentos de empreendedorismo, somente programas de empreendedorismo dentro de outros departamentos. Nesses programas os assuntos mais discutidos são o empreendedorismo e a inovação, a gestão estratégica de novos negócios e a gestão da inovação. Além disso, o autor atesta que os poucos cursos educacionais de empreendedorismo têm uma abordagem superficial, além de não haver uma uniformidade, alguns cursos são obrigatórios outros eletivos. Em relação ao foco dos cursos encontraram-se abordagens excessivamente teóricas e não baseadas na

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

prática. O pesquisador conclui que a educação para o empreendedorismo na Jordânia está em um estágio básico de desenvolvimento. Além disso, ele cita um aspecto cultural do país em que jordanianos tem tendência a temer o risco de criar um negócio e preferem empregos seguros e formais, o que cria baixa motivação para empreender também entre os estudantes e termina por afetar a própria oferta do curso nas universidades.

Os programas de educação empreendedora na Indonésia, país que ocupa 94º posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018), foram estudados por Aldianto; Anggadwita & Umbara (2018). Os autores estudaram universidades na cidade de Bandung onde o ensino de empreendedorismo é compulsório para todos os estudantes das universidades. Os programas geralmente contêm materiais e atividades relacionados a construir uma mentalidade empreendedora, desenvolvimento de habilidades de comunicação, construção de redes e desenho, um plano de negócios orientado ao lucro e instalações adequadas. Entretanto os autores acreditam que não há uma boa sinergia entre a universidade e os agentes externos como empreendedores e agências de fomento, o que cria uma falta de entusiasmo e motivação nos estudantes. Dados mostram que a maioria dos alunos não pretende se tornar empreendedores após a graduação preferindo ser candidatos à empregos, o que demonstra que mesmo oferecendo educação empreendedora as universidades não estão conseguindo atingir o objetivo final de formar empreendedores propriamente ditos.

Fulgence (2015) estudou o panorama dos cursos de empreendedorismo nas universidades públicas e privadas da Tanzânia, país situado na África oriental com uma das piores colocações no ranking global de empreendedorismo estando em 115º lugar (GEI, 2018). A fim de reverter este quadro, o governo estabeleceu que pelo menos um módulo do curso de empreendedorismo deve ser compulsório para todos os universitários no primeiro ano. O primeiro curso aconteceu em 2000 na Universidade Dar es Salaam e ao longo do tempo várias universidades do país vem se organizando para introduzir o empreendedorismo também em nível de pós-graduação. Entretanto o autor destaca que apesar dessas iniciativas pouco impacto tem sido observado no atingimento dos objetivos desejados para a educação empreendedora em nível nacional. Várias razões são associadas ao descompasso entre as expectativas governamentais em

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

relação à educação empreendedora e seus reais resultados como falta de professores especialistas na área de empreendedorismo, estreito entendimento por parte dos gestores das universidades sobre a importância da educação em empreendedorismo, salas de aula com excesso de estudantes o que prejudica o uso de técnicas de ensino mais práticas, prevalecendo a abordagem teórica além de baixa interação entre empreendedores experientes e estudantes.

De acordo com o Banco Mundial o Senegal é um dos países mais pobres do planeta, sobrevivendo com menos de dois dólares ao dia e ocupa o 103º lugar no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018). A economia está baseada no primeiro setor que emprega a maior parte da população. Em relação a estrutura social ainda existem distinções de castas que são distinções herdadas dos pais o que não permite mobilidade social. Mesmo em meio a este contexto, Garcia-Rodriguez *et al.* (2017) desenvolveram um programa de EE ofertado entre 2011 e 2013 na Universidade Gaston Berge. O programa foi composto de 3 fases: Motivação, Implementação e Disseminação. A Fase de Motivação consistiu em sessões motivacionais em aula e intervenções em que os alunos foram questionados sobre sua futura estratégia de trabalho. A Fase de Implementação envolveu 3 ações a fim de possibilitar aos alunos que visualizassem a criação de seus negócios através da geração de ideias para negócios, com trabalhos de campo. A metodologia uniu prática em sala de aula e sessões de tutoriais para uma orientação mais personalizada. Os melhores projetos foram apresentados em um Fórum envolvendo especialistas e empreendedores nacionais e internacionais, sendo que os três projetos considerados mais maduros e inovadores receberam prêmios. Além disso, um evento final discutiu o programa desenvolvido com o de outras universidades europeias. Os autores concluem que as implantações de programas de educação empreendedora em países em desenvolvimento são uma ferramenta poderosa para melhorar o cenário econômico através da atividade empreendedora principalmente em meio a contextos e condições adversas.

Kolade (2018) apresenta o caso de uma intervenção de empreendedorismo educacional na universidade de Maiduguri na Nigéria. O país ocupa uma posição bastante baixa no ranking global de empreendedorismo estando em 101º lugar tal qual outros de seus vizinho no continente africano (GEI, 2018). Além disso, o país tem sofrido graves ataques do grupo radical terrorista denominado *Boko Haram* que visa

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

proibir o acesso a informação e educação provinda do ocidente, o que prejudica em muito a educação no país que já possui alto nível de pobreza e desemprego. O programa é produto de uma parceria para transferência de conhecimento entre o Centro Africano de Empreendedorismo, a Universidade de Wolverhampton no Reino Unido e o Centro de Empreendedorismo e Desenvolvimento de Empresas da Universidade de Maidugur que teve início em 2012. Os resultados apontam que o curso promoveu consciência empreendedora e capacitou os participantes a criar novos negócios além de ter contribuído para o desenvolvimento econômico e social em uma região de conflito. Os novos negócios criados e o suporte da universidade transformaram jovens desempregados e expostos à violência em atores responsáveis na sociedade tendo uma contribuição positiva para seu país. A fim de aumentar os efeitos positivos do programa o autor sugere que haja maior comprometimento do governo e investimentos para a provisão de recursos.

Krakauer, Serra & Almeida (2017) testaram um modelo conceitual de Educação Empreendedora em 110 alunos de uma instituição de ensino em São Paulo -Brasil. Embora considerada a oitava grande economia do mundo (World Bank, 2019) o país ocupa a 98ª posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018) não sendo, portanto considerado um país que oferece boas condições para se empreender. Os autores compararam duas abordagens em educação empreendedora, um modelo que utilizava aprendizado experiencial e outro curso que utilizava apenas instrução teórica. Os cursos foram concomitantemente oferecidos no ano de 2014 e os resultados demonstram que os grupos expostos a abordagem experiencial tiveram melhores resultados. Os grupos expostos a abordagem tradicional baseadas no modelo expositivo e tendo o professor como centro dos processo tiveram piores resultados nas avaliações e os autores concluem que a aprendizagem experiencial é fundamental no processo de educação empreendedora pois ajuda os estudantes a ficarem mais confortáveis na sala de aula, aumentando seu comprometimento, cria um senso de fortalecimento no grupo, o professor atua como facilitador ao invés de ser a única fonte de conhecimento o que leva ao compartilhamento e a construção coletiva do conhecimento.

Kummitha & Majumdar (2015) apresentam o caso de um programa de empreendedorismo social criado na universidade Tata Institute of Social Sciences (TISS) em Mumbai-India. A Índia ocupa a 68ª posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018), entretanto apesar de ocupar uma posição relativamente

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

boa no ranking o país não possui uma política nacional voltada para a educação empreendedora. A primeira turma aconteceu em 2007 com a participação de 14 alunos. O objetivo foi desenvolver empreendedores sociais para implantar programas de melhorias sociais com foco em pensamento empreendedor e solução de problemas para criação de pequenos negócios. O curso possui uma orientação filosófica profunda e o aprendizado acontece através de aulas teóricas, treinamento no campo e aprendizagem pela reflexão. O aprendizado pela experiência é bastante enfatizado. O programa acontece em 3 fases: a) visita ao campo, b) teste piloto e c) pesquisa. Alguns projetos são incubados dentro da própria universidade e recebem suporte. De acordo com os autores ao longo dos anos o curso formou muitos empreendedores como o graduando Ramana Babu Killi que criou grupos de agricultores que antes eram marginalizados e agora recebem suporte tecnológico para melhorar a produtividade e Arun Kumar que trabalha as capacidades de aprendizado das crianças do ensino fundamental de escolas públicas em áreas semiurbanas no leste da Índia. Os autores concluem que, apesar do sucesso do programa, ele não pode ser considerado um tipo de “melhores práticas” mas sim um conjunto de princípios comuns que inspira determinados tipos de contexto, de aprendizado e de currículo em um programa acadêmico.

Nyadu-addo & Mensah (2018) analisaram o caso da universidade Kwame Nkrumah University of Science and Technology (KNUST) em Gana na África. O país ocupa a 93ª posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018) e não possui uma política de empreendedorismo educacional nacional, portanto as universidades do país contam apenas com fundos próprios de fomento para empreendedorismo juvenil além de eventuais doações. O foco está voltado para o desenvolvimento de pequenas empresas que constituem 92% de todas as empresas em Gana. Os pequenos negócios no país crescerem muito a partir da década de 80 quando o país deixou de ter uma economia voltada para a estatização e passou a uma economia liderada pelo setor privado, o que diminuiu em muito a oferta de empregos formais. A partir de 2006 o governo lançou vários programas voltados para o empoderamento de jovens profissionais e várias universidades em Gana passaram a oferecer cursos de empreendedorismo. Um exemplo de programa pioneiro é a clínica de empreendedorismo da universidade de KNUST que teve início em 2012 e envolve uma pedagogia de educação para o empreendedorismo com a oferta de treinamento prático e experimental para alunos em um ambiente de aprendizagem interativa. O programa

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

envolve o diagnóstico crítico de ideias de negócios dos participantes com orientação e apoio de empreendedores experientes e outros profissionais. A interação entre esses atores expõe os alunos ao ecossistema empreendedor possibilitando o empreendedorismo produtivo e o fomento do espírito empreendedor. A aprendizagem experiencial é enfatizada e estimula a inovação e a criação de empresas. Além disso as oportunidades de networking estão presentes para alavancar o processo. O programa também favorece a abordagem multidisciplinar que promove habilidades de trabalho em equipe e parcerias entre os estudantes. Ao final do programa os melhores projetos são incubados dentro da própria universidade. Os resultados do programa têm sido positivos e vários dos graduandos que passaram pelo curso iniciaram seus próprios negócios em áreas como loja de tecidos online, fitoterapia, desenvolvimento de softwares além de multimídia e publicidade. Os autores concluem que independentemente das implicações de custo e tempo que normalmente são um impeditivo no país é possível implementar a metodologia de EE apresentada. No entanto, o apoio da gestão universitária, a captação de recursos de fontes internas e externas e o apoio técnico da indústria e agências governamentais são fundamentais para a sustentabilidade dessas iniciativas.

Abou- Warda (2016) desenvolveu um modelo teórico de educação tecnológica empreendedora para o Egito que incluiu uma revisão das boas práticas utilizadas no país além da realização de uma *survey* com acadêmicos egípcios e entrevistas com gestores universitários especialistas na área. O Egito ocupa a 76º posição no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018), entretanto a autora coloca que o país não oferece uma exposição adequada a programas de empreendedorismo e inovação no sistema de ensino. Apenas duas universidades possuem programas de educação empreendedora o que demonstra que os esforços em empreendedorismo educacional são muito recentes no país. A fim de colaborar para o aumento de programas de educação em empreendedorismo a autora propõe um modelo nomeado de TEPE (*Technology Entrepreneurship Educator's Program*) que seria voltado para a educação empreendedora de base tecnológica e teria versões para professores e para alunos. O programa buscaria um equilíbrio entre os aspectos teóricos e práticos e incorporaria a experiência prática de cooperação entre estudantes e empresas além de oportunidades de viagens para o exterior para terem contato com a cultura de negócios tecnológicos. Em relação à capacitação de professores o programa visaria trabalhar novos paradigmas e modelos pedagógicos além de atitudes e habilidade desenvolvidas para o

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

empreendedorismo tecnológico. A autora também sugere que a universidade implemente programas de incentivos avaliações e recompensas para motivar os professores e mantê-los trabalhando na área.

Gutiérrez; Baquero (2016) fazem uma análise dos programas de educação empreendedora desenvolvidos na Colômbia nos últimos anos e propõe um modelo teórico para seu melhoramento. A Colômbia é um dos países da América Latina com um dos melhores índices no ranking global de empreendedorismo (GEI, 2018) e de todos os países estudados nesta pesquisa o que tem melhor posição no ranking. Entretanto segundo os autores existe uma alta taxa de falências nos empreendimentos no país além de falta de coordenação e definição clara de papel do setor público. Além disso, a pouca interação entre universidades e empresas dificulta a implantação de uma estratégia para a ciência, tecnologia e inovação para o longo prazo.

RESULTADOS

A análise dos casos demonstra que as maiorias dos casos pesquisados adotam uma abordagem pedagógica mais voltada a teoria do que a prática, sendo que a estratégia mais utilizada são as palestras expositivas e o ambiente predominante é a sala de aula. Dentre as razões citadas pelos autores para explicar o uso predominante de uma pedagogia essencialmente teórica é o fato de as turmas serem compostas de muitos alunos (como é típico do ensino superior em vários países) o que dificulta o uso de estratégias de ensino voltadas a prática. Entretanto diversos autores defendem que os ensinamentos do empreendedorismo deve englobar um aprendizado experiencial e interativo a fim de fomentar as competências inovadoras necessárias na área (COLLINS; SMITH; HANNON, 2006; FAYOLLE, 2013; STEVENSON; LUNDSTRÖM, 2007).

Outra questão que emerge entre os casos pesquisados é que existe pouca interação entre estudantes de diferentes áreas de formação o que não permite um aprendizado interdisciplinar entre eles. Porém é recomendado que a educação empreendedora possibilite o desenvolvimento de habilidades inovadoras entre os estudantes e para que isso seja possível é de mister importância que a interdisciplinaridade esteja presente (Barr, Baker, & Markham, 2009). A solução neste caso seria dividir as turmas em grupos menores de alunos e miscigenar os participantes com suas diferentes áreas de estudo a fim de criar grupos multidisciplinares. Mas para

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

que isso seja possível a universidade tem que estar alinhada quanto aos objetivos e a importância da oferta dos cursos de empreendedorismo de modo a facilitar a participação do aluno oferecendo flexibilidade de horários e obtenção de créditos, por exemplo, (VALERIO; PARTON; ROBB, 2014; VOLKMANN; AUDRETSCH, 2017).

Outro ponto bastante criticado pelos autores é que na maioria dos programas desenvolvidos existe pouca oportunidade de networking com agentes externos como empreendedores, representantes do governo ou de instituições de fomento e financiamento de empreendimentos. Além disso Aldianto, Anggadwita & Umbara (2018) sugerem que a falta de sinergia entre universidade e os stakeholders relacionados cria pouco entusiasmo e motivação nos participantes. Diversos autores recomendam que haja interação entre os futuros e atuais empreendedores a fim de que estes possam projetar e clarear a imagem da posição que desejam alcançar (FILION, 1993) ou que, ao menos, futuros empreendedores tenham palestras com empreendedores como convidados em seus cursos de formação (WILSON; KICKUL; MARLINO, 2007). Entretanto essa não foi a realidade encontrada nos casos pesquisados. De toda forma, entre os casos estudados, merecem destaque o de países como Gana (NYADU-ADDO; MENSAH, 2018) e Malásia (AHMAD; BUCHANAN, 2015) em que observou-se que é possível implementar o networking com empreendedores como estratégia pedagógica mesmo contornando os poucos recursos disponíveis para os programas como era o caso das referidas universidades.

Em relação a oportunidade de os melhores projetos serem incubados dentro da universidade somente os países Gana (NYADU-ADDO; MENSAH, 2018) e Índia (KUMMITHA; MAJUMDAR, 2015) apresentaram essa possibilidade. Vários autores defendem a importância de uma incubadora de negócios como ferramenta para o desenvolvimento e promoção da inovação (SHERMAN, 1999; THEODORAKOPOULOS; KAKABADSE; MCGOWAN, 2014; WIGGINS; GIBSON, 2001). As incubadoras são organizações criadas para hospedar e amparar micro e pequenas empresas com vistas a viabilizar seu desenvolvimento inicial ou até mesmo viabilizar sua criação (STEINER; CASSIM; ROBAZZI, 2013). De acordo com Engelman & Fracasso (2013) as incubadoras são essenciais como impulsionadoras de um ambiente favorável a empresas nascentes na universidade e apoiam seu processo de consolidação no mercado. Entretanto entende-se que nem todas as universidades nos países em desenvolvimento possuem a estrutura adequada e nem mesmo escritórios

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

encarregados de fazer a transferência de tecnologia. Dessa forma, dos casos pesquisados, a maioria não dispunha de centros de incubação dentro da universidade a fim de acolher as empresas iniciantes até mesmo devido aos poucos anos de existência de ações de empreendedorismo universitário nos países. Ou ainda discrepâncias como o caso da Jordânia em que existem mais centros de empreendedorismo e inovação no país do que programas de educação empreendedora (ALAKALEEK, 2019).

Outra questão muito destacada entre os autores dos casos selecionados para esta pesquisa foi a falta ou dificuldade de qualificação para o corpo docente responsável pelos programas de empreendedorismo (AHMAD; BUCHANAN, 2015; ALAKALEEK, 2019; FULGENCE, 2015; KUMMITHA; MAJUMDAR, 2015). Por esta razão esses autores consideram que a falta de conhecimento técnico e suporte dos professores em métodos embasados na prática levam a programas de orientação tradicional com foco puramente teórico. Observa-se portanto que a abordagem teórica com atividades em sala de aula predominam mesmo a despeito de a literatura sobre os benefícios da aprendizagem baseada na prática já esteja tão desenvolvida (KOLB, 1984; VOLKMANN; AUDRETSCH, 2017).

O fator relacionado a breve existência das ações de empreendedorismo dentro das universidades de países em desenvolvimento é, provavelmente, a causa de outras dificuldades relacionadas aos programas de educação empreendedora existentes. Observa-se que dos 11 casos estudados apenas três (Egito, Malásia, Colômbia) possibilitam acesso dos estudantes a investidores que possam estar potencialmente interessados em patrocinar seus projetos. Somente 2 casos (Senegal e Colômbia) mencionam o oferecimento de prêmios para os melhores projetos empreendedores e apenas Senegal, Índia e Colômbia encorajam o desenvolvimento de protótipos dos projetos durante o curso.

Observa-se, portanto o hiato de tempo existente entre o primeiro curso de empreendedorismo universitário criado em Harvard -EUA em 1947 (KATZ, 2003) para o primeiro curso criado na Malásia em 1999 (AHMAD; BUCHANAN, 2015). Essa diferença de mais de 50 anos certamente foi crucial para diferenciar a condição da educação empreendedora entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Os países em desenvolvimento, como os incluídos neste estudo, ainda necessitam de um grande amadurecimento em termos de políticas públicas voltadas a esse tema quanto ao desenvolvimento de modelos mais adequados e adaptados aos seus contextos

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

econômico-sociais que não podem ser comparados às infraestruturas educacionais de países economicamente prósperos (ALAKALEEK, 2019; ALDIANTO; ANGGADWITA; UMBARA, 2018; GARCIA-RODRIGUEZ *et al.*, 2017).

A fim de atender as especificidades dos países em desenvolvimento, será apresentado a seguir um framework teórico para orientação de programas de educação empreendedora desenvolvida com base na análise dos casos estudados.

Framework Teórico

Com base no contexto dos países em desenvolvimento conforme descrito anteriormente, apresenta-se uma proposta de um programa de educação empreendedora nas universidades. Para fins deste estudo o programa será denominado PAEE (Programa Acadêmico de Educação Empreendedora).

O referido programa sugere o oferecimento de dois módulos a fim de atender tanto alunos que não desejam empreender (nível básico) quanto um aprofundamento para os alunos que, após cursado o nível básico, desejem empreender. O modelo proposto leva em consideração que a universidade desenvolva antes um núcleo de inovação e tecnologia (NIT) ou Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT) formalmente constituído, dentro do qual o programa estaria apoiado. Os núcleos de inovação e tecnologia (NITs) tal como são conhecidos no Brasil ou Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT) tal qual são denominados na literatura internacional são sinônimos e referem-se a estruturas que operam no sentido de fomentar as políticas de inovação das universidades e facilitar a cooperação com empresas a fim de que elas atuem como parceiras das universidades. No Brasil, a partir da lei de inovação de 2004 (BRASIL, 2004) ficou determinada a obrigatoriedade da instalação de um NIT em universidades e institutos públicos de pesquisa e tecnologia a fim de atribuir maior autonomia às universidades e facilitar a transferência de tecnologia para o mercado. (Machado, Sartori, & Crubellate, 2017).

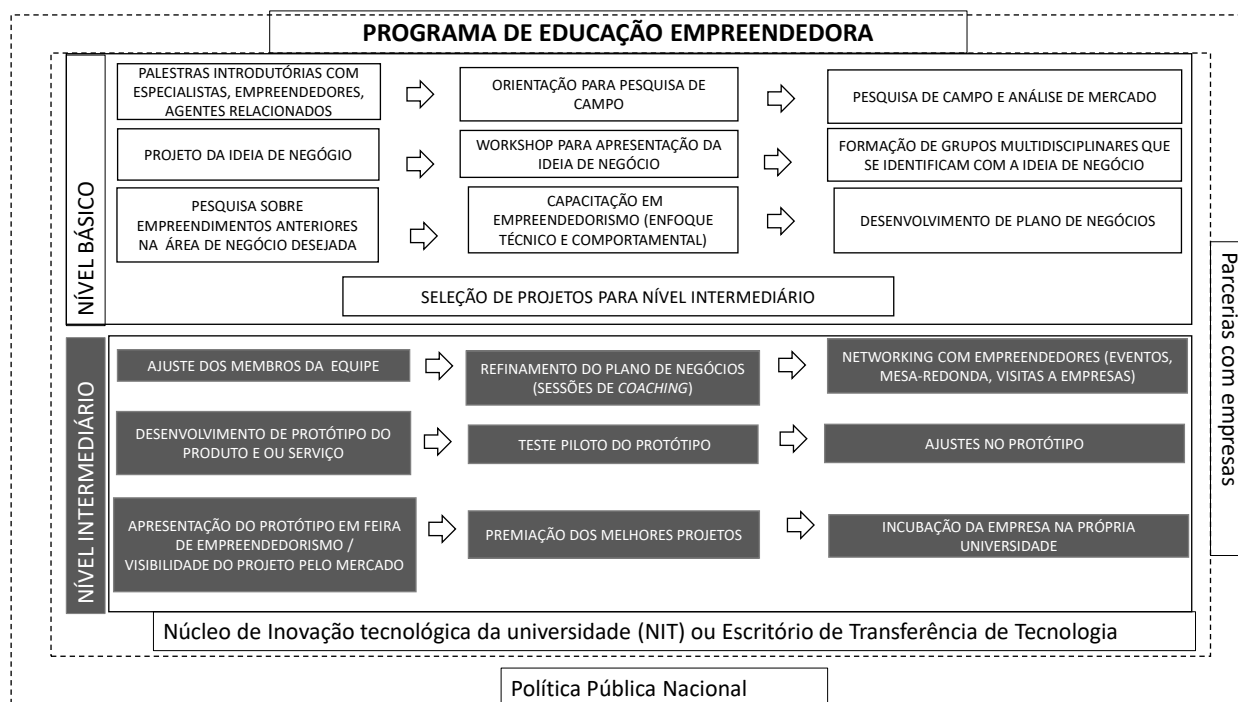
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

Além disso, para que suas ações sejam efetivas, o framework proposto considera que o NIT universitário esteja alinhado a uma política pública nacional para o empreendedorismo e a inovação sendo que, preferencialmente os especialistas da universidade estejam de alguns modos integrados às equipes responsáveis pela elaboração e implantação das políticas de cada país conforme também sugerido por Meoli, Pierucci, & Vismara (2018).

O PAEE em seu nível básico seria ofertado a todos os alunos da universidade, independente do curso, como disciplina obrigatória. Isso permitiria que alunos de todos os cursos obtivessem conhecimentos básicos sobre empreendedorismo e intra-empendedorismo além de possibilitar a interdisciplinaridade e trocas de conhecimento e experiências entre estudantes de áreas diversas. Já o nível intermediário seria ofertado como disciplina eletiva, somente para os alunos que desejam empreender e que apresentaram projetos de negócios em potencial avaliados e selecionados por um comitê de especialistas internos e externos da universidade.

A duração sugerida para o programa é de 40h para cada módulo, de modo que cada módulo poderia ser ofertado em 1 semestre. As atividades do programa preveem o uso de estratégias metodológicas tanto teóricas quanto práticas a fim de garantir maior incentivo e fomentar a ação empreendedora dos participantes (KOLB, 1984). A figura 2 apresenta o framework proposto bem como as principais atividades sugeridas para compor o programa.

FIGURA 2 – FRAMEWORK DO PROGRAMA ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA (PAEE)



EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

Fonte: elaborado pelos autores (2019)

O módulo de nível básico iniciaria com palestras proferidas por profissionais do NIT da universidade e professores especialistas em empreendedorismo com a participação de demais agentes convidados como representantes de organizações de fomento ao empreendedorismo, empreendedores experientes e representantes de empresas parceiras da universidade. A seguir os participantes receberiam orientações para realizar uma pesquisa de campo a fim de terem contato com o mercado e levantar oportunidades de negócios. Na sequência os estudantes realizariam a pesquisa de campo, visitando empreendimentos em diversas áreas de atuação e fariam a análise de mercado baseados em pesquisa de fontes secundárias (dados na internet, dados de organizações de apoio ao empreendedorismo e fontes primárias (entrevistas com empreendedores e consumidores)). A partir disso os alunos desenvolveriam projetos com suas ideias de negócios que seriam apresentadas em um workshop. A partir das ideias apresentadas os participantes se reuniriam em grupos por afinidade de projetos e trabalhariam em equipe para a próxima fase: uma pesquisa sobre empreendimentos anteriores na área, os erros e acertos dos mesmos e a busca das melhores práticas dos empreendedores atuais na área (caso haja). Com uma ideia de negócio mais orientada à realidade os estudantes receberiam capacitação em competências técnicas e comportamentais relacionadas ao empreendedorismo, destacando que aulas teóricas e práticas seriam intercaladas. Ao final do programa as equipes apresentariam o seu plano de negócios bem como uma relação de alunos que desejam continuar para o próximo módulo a fim de amadurecer seus planos de negócio. Os melhores projetos seriam selecionados por um comitê de especialistas multidisciplinares a fim de seguirem para o módulo intermediário.

O módulo intermediário seria cursado apenas pelos estudantes que realmente desejam seguir em frente com seus projetos e a fim de empreender em um futuro próximo. O primeiro encontro seria orientado a reformulação das equipes, conforme afinidades de projeto, a fim de se formarem novas equipes. Na sequência os participantes receberiam sessões de coaching a fim de refinar seus planos de negócio. Concomitantemente seria encorajado que os estudantes participassem de eventos de networking promovidos pela universidade e seus parceiros a fim de estreitar os laços com agentes do ecossistema empreendedor e realizar intercâmbio de ideias e

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

experiências que enriqueceriam seus futuros negócios e ampliariam sua visão de mercado. A partir disso os participantes desenvolveriam um protótipo de seus produtos e ou serviços propostos realizando testes piloto do protótipo com o auxílio da equipe da universidade e empreendedores de suas redes de relações. Na sequência ajustes aos protótipos seriam realizados os quais seriam posteriormente apresentados em uma feira de empreendedorismo que poderia ser organizada dentro da universidade. Com o apoio de parceiros, uma premiação seria realizada aos melhores projetos, que por sua vez teriam suas equipes encaminhadas para a incubadora da universidade que daria sequência a abertura da nova empresa e apoio estrutural e financeiro para seu funcionamento inicial. As incubadoras são organizações criadas para hospedar e amparar micro e pequenas novas empresas com vistas a viabilizar seu desenvolvimento inicial e até mesmo viabilizar sua criação (ENGELMAN; FRACASSO, 2013; STEINER; CASSIM; ROBAZZI, 2013).

É importante frisar que a proposta do framework para educação empreendedora contida neste estudo sugere que ele opere apenas como um instrumento de direcionamento para docentes, gestores de universidades e autores de políticas públicas, estando muito longe de ser um modelo fixo e enrijecido. Ao contrário, acredita-se que os cursos de empreendedorismo educacional nas universidades devem ser flexíveis e modificados de acordo com os recursos existentes, o contexto e cultura de cada país em desenvolvimento. Até mesmo a fim de respeitar e incentivar a superação de todas as dificuldades inerentes às lacunas educacionais, sociais e econômicas que são a tônica destes países. Entretanto alguns aspectos propostos como a existência de uma política nacional para embasar os programas, além de um núcleo formalmente constituído dentro da universidade para a transferência de tecnologia gerada, devam ser sempre objeto de prioridade de discussões e esforços por parte dos responsáveis a fim de garantir a efetividade dos programas educacionais (Davey, Rossano, & van der Sijde, 2016; Engelman & Fracasso, 2013; Lockett & Wright, 2005; Siegel, Wright, Chapple, & Lockett, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos países em desenvolvimento a educação empreendedora ainda está em fase inicial de desenvolvimento e as universidades ainda estão tateando as práticas mais

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

adequadas. Os resultados deste estudo demonstram que ainda há muito espaço para o desenvolvimento de práticas pedagógicas experienciais e baseadas na ação além dos tradicionais métodos de ensino focados na teoria.

Além disso, observa-se uma grande lacuna entre as políticas nacionais voltadas para o empreendedorismo, a inovação e a educação e sua real implantação na prática nos vários países estudados. Isso demonstra que muitas vezes as propostas para desenvolvimento deste importante setor permanecem apenas no discurso, não havendo um equivalente interesse por parte dos formuladores de políticas públicas em acompanhar a implantação das normas na prática e menos ainda de direcionar recursos de forma a criar ações sustentáveis na área. No que tange os gestores das universidades também é necessário que aja engajamento e participação no plano público a fim de garantir que as ações educacionais no âmbito das universidades possam atingir um papel ativo na construção de uma sociedade mais reduzindo a pobreza e a desigualdade através do empreendedorismo.

A fim de contribuir para um melhor desempenho das práticas educacionais em empreendedorismo universitário este estudo apresentou um framework teórico com uma proposta de um programa de educação empreendedora para universidades baseado em uma análise das melhores práticas colhidas em 11 estudos de caso realizados em países em desenvolvimento. O framework sugere que os cursos de empreendedorismo sejam incorporados aos currículos das universidades e oferecidos em dois módulos, de modo que o primeiro módulo introdutório seja cursado por todos os alunos e o segundo módulo apenas para os alunos que realmente desejam empreender e colocar em prática seus planos de negócios. Em relação às abordagens pedagógicas a serem utilizadas sugeriu-se um equilíbrio entre atividades teóricas e práticas a fim de propiciar maior envolvimento com vistas a um aprendizado duradouro. Além disso foram discutidas necessidades estruturais e políticas envolvendo a universidade, o governo e o setor empresarial a fim de que seja criado um ambiente adequado para dar suporte à consolidação das propostas de novos negócios.

Como todo estudo esta pesquisa possui limitações que são consideradas em relação ao seu método qualitativo e de síntese, que apesar de permitir um aprofundamento nas pesquisas selecionadas não permite que se façam generalizações, uma vez que, foram incluídos poucos casos para análise. Além disso o modelo proposto

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE METASÍNTESE E GROUNDED THEORY

é de base teórica e necessitaria ser testado e validado empiricamente a fim de se avaliar sua eficácia.

Como sugestão de estudos futuros recomenda-se que o modelo seja aplicado na prática em diferentes universidades, localizadas em diferentes países considerados em desenvolvimento, para que se tenha uma ideia de sua viabilidade e possíveis ajustes em termos de currículos, contextos, estratégias internas de curto e médio prazo das universidades e ainda estratégias de longo prazo para o fomento do empreendedorismo nas diversas nações.

REFERÊNCIAS

ABOU- WARDA, S. H. New educational services development: Framework for technology entrepreneurship education at Universities in Egypt. *International Journal of Educational Management*, v. 30, n. 5, p. 698–717, 2016.

AHMAD, S. Z.; BUCHANAN, R. F. Entrepreneurship education in Malaysian universities. *Tertiary Education and Management*, v. 21, n. 4, p. 349–366, 2015.

ALAKALEEK, W. The status of entrepreneurship education in Jordanian universities. *Education and Training*, v. 57, n. 8–9, p. 1020–1035, 2019.

ALDIANTO, L.; ANGGADWITA, G.; UMBARA, A. N. Entrepreneurship education program as value creation. *Journal of Science and Technology Policy Management*, v. 9, n. 3, p. 296–309, out. 2018. Disponível em: <<https://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/JSTPM-03-2018-0024>>. Acesso em: 21 out. 2018.

BANDEIRA-DE-MELO, R.; CUNHA, C. J. C. A. Grounded Theory. In: GODOI, C. K. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.

BARR, S. H.; BAKER, T.; MARKHAM, S. K. Bridging the valley of death: lessons learned from 14 years of commercialization of technology education. *Journal of Management Learning and Education*, v. 8, n. 3, p. 370–388, 2009.

BÉCHARD, J. P.; GRÉGOIRE, D. Entrepreneurship education research revisited: the case of higher education. *The Academy of Management Learning and Education*, v. 4, n. 1, p. 22–43, 2005.

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

BRASIL. Lei n. 10.973, de 2 de dezembro de 2004. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Brasília - DF: [s.n.], 2004.

CHARMAZ, K. Grounded theory in the 21 st Century. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.). . Handbook of qualitative research. 3. ed. [S.l.]: Sage Publications, 2005. p. 507–535.

COLLINS, L. A.; SMITH, A. J.; HANNON, P. D. Applying a synergistic learning approach in entrepreneurship education. *Management Learning*, v. 37, n. 3, p. 335–354, 2006.

DAVEY, T.; ROSSANO, S.; VAN DER SIJDE, P. Does context matter in academic entrepreneurship? The role of barriers and drivers in the regional and national context. *Journal of Technology Transfer*, v. 41, n. 6, p. 1457–1482, 27 dez. 2016. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s10961-015-9450-7>>. Acesso em: 7 maio 2018.

ENGELMAN, R.; FRACASSO, E. M. Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas. *Revista de Administração*, v. 48, n. 1, p. 165–178, 2013. Disponível em: <http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=1501>.

FAYOLLE, A. *Handbook of Research in Entrepreneurship Education*, Volume 1. [S.l.: s.n.], 2007. v. 1.

FAYOLLE, A. *Handbook of research in entrepreneurship education*, volume 2. Northampton, USA: Edward Elgar, 2013. v. 2.

FERREIRA, E. R. A.; FREITAS, A. A. F. F. Propensão Empreendedora Entre Estudantes Participantes De Empresas Juniores. *REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 2, n. 3, p. 3, 2017.

FILION, L. J. Visão e relações: elementos para um meta modelo empreendedor. *Revista de Administração de Empresas*, v. 33, n. 6, p. 50–61, 1993.

FULGENCE, K. Assessing the status of entrepreneurship education courses in higher learning institutions: The case of Tanzania education schools. *Education and Training*, v. 57, n. 2, p. 239–258, 2015.

GARCIA-RODRIGUEZ, F. et al. Entrepreneurship Education in Sub-Saharan Africa: Results of a Case Study in Senegal. *Journal of Entrepreneurship Education*, v. 20, n. 2, p. 1–16, 2017. Disponível em: <<http://content.ebscohost.com/ContentServer.asp?T=P&P=AN&K=127874273&S=R&D=ent&EbscoContent=dGJyMMTo50Seqa44y9fwOLCmr1Cep65SsK%2B4SrCWxWXS&ContentCustomer=dGJyMPGusU%2BuqbVQuePfgeyx44Dt6fIA>>.

GEI. [S.l.]: Global Entrepreneurship Index. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322757639_The_Global_Entrepreneurship_Index_2018>. , 2018.

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

GUTIÉRREZ, J. G.; BAQUERO, J. E. G. New cross-proposal entrepreneurship and innovation in educational programs in third level (tertiary) education. *Contaduría y Administración*, v. 62, n. 1, p. 239–261, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.cya.2016.10.005>>.

HASAN, S. M.; KHAN, E. A.; NABI, N. U. Entrepreneurial education at university level and entrepreneurship development. *Education and Training*, v. 59, n. 7–8, p. 888–906, 2017.

HENRY, C.; LEWIS, K. A review of entrepreneurship education research. *Education + Training*, v. 60, n. 3, p. 263–286, 12 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/ET-12-2017-0189>>. Acesso em: 21 out. 2018.

HOON, C. Meta-Synthesis of Qualitative Case Studies: An Approach to Theory Building. *Organizational Research Methods* 16(4), v. 16, n. 4, p. 522–556, 2013.

JONES, C.; ENGLISH, J. A contemporary approach to entrepreneurship education. *Education + Training*, v. 46, n. May, p. 416–423, 2004.

KAKOURIS, A.; GEORGIADIS, P. Analysing entrepreneurship education: a bibliometric survey pattern. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1186/s40497-016-0046-y>>.

KATZ, J. A. The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education 1876-1999. *Journal of Business Venturing*, v. 18, n. 2, p. 283–300, 2003.

KOLADE, O. Venturing under fire: Entrepreneurship education, venture creation, and poverty reduction in conflict-ridden Maiduguri, Nigeria. *Education and Training*, v. 60, n. 7–8, p. 749–766, 2018.

KOLB, D. A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

KOURILSKY, M. L. *Entrepreneurship Education: Opportunity in Search of Curriculum*, Center for Entrepreneurial Leadership. Kansas City: Ewing Marion Kauffman Foundation, 1995.

KRAKAUER, P. V. C.; SERRA, F. A. R.; ALMEIDA, M. I. R. Using experiential learning to teach entrepreneurship: a study with Brazilian undergraduate students. *International Journal of Educational Management*, v. 15, p. 18–31, 2017.

KUMMITHA, R. K. R.; MAJUMDAR, S. Dynamic curriculum development on social entrepreneurship - A case study of TISS. *International Journal of Management Education*, v. 13, n. 3, p. 260–267, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ijme.2015.05.005>>.

LAURIKAINEN, M. et al. Entrepreneurship Education: what can we learn from the Brazilian and the Finnish examples? *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 13, n. esp1, p. 337–358, 30 abr. 2018. Disponível em:

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11414/7282>>. Acesso em: 21 out. 2018.

LOCKETT, A.; WRIGHT, M. Resources, capabilities, risk capital and the creation of university spin-out companies. *Research Policy*, v. 34, n. 7, p. 1043–1057, 2005.

MACHADO, P. V.; SARTORI, R.; CRUBELLATE, J. M. Institucionalização de núcleos de inovação tecnológica em instituições de ciência e tecnologia da região sul do Brasil. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, v. 23, n. 3, p. 5–31, 2017.

MEOLI, M.; PIERUCCI, E.; VISMARA, S. The effects of public policies in fostering university spinoffs in Italy. *Economics of Innovation and New Technology*, v. 27, n. 5–6, p. 479–492, 18 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10438599.2017.1374048>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MERRIAM, S. B. *Qualitative Research: A guide to design and Implementation*. 2a. ed. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2009.

NISTOREANU, B. G.; GHEORGHE, G. The perception of the academics and students regarding the entrepreneurial education in economic education. *Amfiteatru Economic*, v. 16, n. 37, p. 811–826, 2014. Disponível em: <http://www.amfiteatruconomic.ro/temp/Article_1316.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

NYADU-ADDO, R.; MENSAH, M. S. Entrepreneurship education in Ghana – the case of the KNUST entrepreneurship clinic. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 25, n. 4, p. 573–590, 2018.

OCDE. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. , 2019.

POTTER, J. *Entrepreneurship and Higher Education*. [S.l: s.n.], 2010.

SALVADOR, E.; ROLFO, S. Are incubators and science parks effective for research spin-offs? Evidence from Italy. *Science and Public Policy*, v. 38, n. 3, p. 170–184, 1 abr. 2011. Disponível em: <<https://academic.oup.com/spp/article-lookup/doi/10.3152/016502611X12849792159191>>. Acesso em: 16 out. 2018.

SHERMAN, H. D. Assessing the intervention effectiveness of business incubation programmes of new business start-ups. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 4, n. 2, p. 117–133, 1999.

SIEGEL, D. S. et al. Assessing the relative performance of university technology transfer in the US and UK: a stochastic distance function approach. *Economics of Innovation and New Technology*, v. 17, n. 7, p. 719–731, 2008.

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

SIEGEL, D. S.; WRIGHT, M. Academic Entrepreneurship: Time for a Rethink? *British Journal of Management*, v. 26, n. 4, p. 582–595, 1 out. 2015. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/1467-8551.12116>>. Acesso em: 17 maio 2018.

STALL-MEADOWS, C.; HYLE, A. Procedural methodology for a grounded metaanalysis of qualitative case studies. *International Journal of Consumer Studies*, v. 34, n. 4, p. 412–418, 2010.

STEINER, J. E.; CASSIM, M. B.; ROBAZZI, A. C. *Parques Tecnológicos : Ambientes de Inovação*. [S.l.]: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2013.

STEVENSON, L.; LUNDSTRÖM, A. Dressing the emperor: the fabric of entrepreneurship policy. *Handbook of Research on Entrepreneurship Policy*. [S.l.]: Edward Elgar Publishing, 2007. .

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Grounded theory methodology: an overview. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. . (Org.). . *Handbook of qualitative research*. Bervely Hills: Sage Publications, 1994. p. 273–285.

THEODORAKOPOULOS, N.; KAKABADSE, N. K.; MCGOWAN, C. What matters in business incubation? A literature review and a suggestion for situated theorising. *The International Journal of Logistics Management*, v. 25, n. 3, p. 522–536, 2014.

ULVENBLAD, P.; BERGGREN, E.; WINBORG, J. The role of entrepreneurship education and start-up experience for handling communication and liability of newness. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, v. 19, n. 2, p. 187–209, 10 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/13552551311310374>>. Acesso em: 15 maio 2018.

VALERIO, A.; PARTON, B.; ROBB, A. *Entrepreneurship Education and Training Programs around the World: Dimensions for Success*. [S.l: s.n.], 2014.

VOLKMANN, C. K.; AUDRETSCH, D. B. *Entrepreneurship Education at Universities*. [S.l: s.n.], 2017. v. 37. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-55547-8>>.

WIGGINS, J.; GIBSON, D. V. Overview of US incubators and the case of the Austin Technology Incubator. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management*, v. 3, n. 1, p. 56–67, 2001.

WILSON, F.; KICKUL, J.; MARLINO, D. Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship education. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 31, p. 387–406, 2007.

World Bank . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519>>. , 2019

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NAS UNIVERSIDADES EM PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO: PROPOSTA DE UM FRAMEWORK A PARTIR DE
METASÍNTESE E GROUNDED THEORY**

*"Os autores são beneficiários de auxílio financeiro da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)"*